

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

VINICIUS FIN VALGINHAK

**JORNALISMO DE DADOS NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO: EVOLUÇÃO
PROFISSIONAL E IMPACTOS NO ENSINO**

CURITIBA

2023

VINICIUS FIN VALGINHAK

**JORNALISMO DE DADOS NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO: EVOLUÇÃO
PROFISSIONAL E IMPACTO NO ENSINO**

Projeto de monografia apresentado para a disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Mário Messagi Júnior

CURITIBA

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN
COORDENAÇÃO DO CURSO DE JORNALISMO

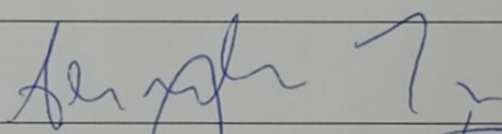
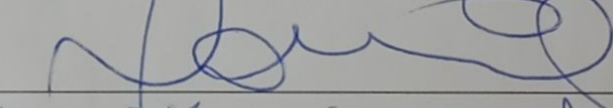
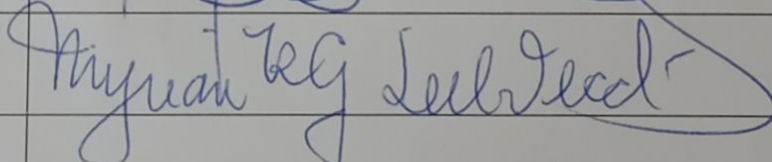
**AVALIAÇÃO DA APRESENTAÇÃO ORAL DO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO EM JORNALISMO II**

ALUNO:

VINICIUS FIN VALGINHAK - GRR20174163

**TÍTULO DO TRABALHO: "JORNALISMO DE DADOS NOS
CURSOS DE GRADUAÇÃO: EVOLUÇÃO PROFISSIONAL E
IMPACTOS NO ENSINO"**

DATA E HORÁRIO DA DEFESA: 18/12/2023, às 14:00 horas

BANCA EXAMINADORA	ASSINATURA	NOTA
Alexsandro Teixeira Ribeiro		85
Mario Messagi Junior		85
Myrian Regina Del Vecchio de Lima		85
MÉDIA FINAL:		85

Curitiba, 18 de dezembro de 2023.

Assinatura: _____

Mario Messagi Junior
Orientador



AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus pais, Newton e Rosemar, por todo amor, carinho e suporte. Depois de ingressar pela segunda vez em uma universidade pública federal, finalmente, eu entrego meu Trabalho de Conclusão de Curso.

Agradeço a minha namorada por todo seu carinho, apoio, incentivo, amor e companheirismo. É ótimo lembrar de quando nos conhecemos, participando juntos de um projeto de extensão nesta universidade.

Também dedico este trabalho aos meus dois avôs, Leonel e João, que partiram ao enquanto eu cursava estava graduação e que não puderam me ver graduado neste curso.

Agradeço a Universidade Federal do Paraná, aos professores e professoras do curso de Jornalismo pela inspiração, pelos ensinamentos e orientação.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo coletar e analisar os Projetos Pedagógicos de Curso (PPC) das universidades público federais que obtiveram conceito 5 no Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade) a fim de avaliar o impacto do ensino do Jornalismo de Dados (JD) nestas instituições. Fizemos a análise documental dos PPCs para encontrarmos os cursos que possuíam a disciplina de Jornalismo de Dados ou equivalente como matéria obrigatória e, posteriormente, aplicamos a análise de conteúdo nas ementas destes componentes curriculares para verificarmos quais são os eixos temáticos trabalhados. Observamos que dos 15 cursos analisados, apenas sete possuíam disciplinas obrigatórias com o conteúdo de Jornalismo de Dados. Por meio da análise de conteúdo das entrevistas em profundidade realizadas com os coordenadores de quatro instituições, identificamos que as competências de Jornalismo de Dados não são o principal foco, e são apenas trabalhadas de forma introdutória, apresentando o assunto ou oferecendo ferramentas básicas, com poucas atividades práticas para o desenvolvendo de competências específicas da área.

Palavras-chave: Curso de Jornalismo. Jornalismo Guiado por Dados. Reportagem Assistida por Computador. Ensino.

ABSTRACT

This research aims to collect and analyze the Pedagogical Course Projects (PPC) of federal public universities that aim for grade 5 in the National Student Performance Exam (Enade) in order to evaluate the impact of teaching Data Journalism (JD) in these institutions. We carried out a documentary analysis of the PPCs to find the courses that had the subject of Data Journalism or equivalent as a mandatory subject and, subsequently, we applied content analysis to the syllabuses of these curricular components to verify which thematic axes were covered. We observed that of the 15 courses analyzed, only seven had mandatory subjects with Data Journalism content. Through content analysis of in-depth interviews carried out with the coordinators of four institutions, we identified that Data Journalism skills are not the main focus, and are only worked on in an introductory way, presenting the subject or offering basic tools, with few practical activities to develop specific skills in the area.

Keywords: Journalism course. Data-Driven Journalism. Computer-Assisted Reporting. Education.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Mapa da cólera desenhado por John Snow, 1854

13

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Ranking dos cursos de jornalismo com conceito 5 no Enade 2022....	21
QUADRO 2 – Cursos com disciplinas obrigatórias de Jornalismo de Dados ou com competências equivalentes em sua ementa	25
QUADRO 3 – Recorrência de temas nas ementas	27
QUADRO 4 – Perguntas para os coordenadores	31
QUADRO 5 – Respostas para a primeira pergunta	32
QUADRO 6 – Respostas para a segunda pergunta	33
QUADRO 7 – Respostas para a quarta pergunta	34
QUADRO 8 – Respostas para a quarta pergunta	36
QUADRO 9 – Respostas para a quinta pergunta	36
QUADRO 10 – Respostas para a sexta pergunta.....	37

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	O QUE É JORNALISMO DE DADOS: DO RAC À CENTRALIDADE DOS DADOS.....	12
2.1	DE GUTENBERG AO MASS MEDIA: AVANÇOS TECNOLÓGICO E UM NOVO GRUPO SOCIAL E SUAS PRÁTICAS	12
2.2	A INTRODUÇÃO DOS COMPUTADORES NAS REDAÇÕES E O CIBERESPAÇO	14
2.3	AS GERAÇÕES DE DESENVOLVIMENTO DO JORNALISMO DIGITAL	16
3	UM NOVO CENÁRIO: CRISE DO JORNALISMO E MUDANÇAS INSTITUCIONAIS E NA FORMAÇÃO DE NOVOS PROFISSIONAIS.....	19
3.1	MUDANÇAS INSTITUCIONAIS.....	19
3.2	NOVAS DIRETRIZES E COMPETÊNCIAS NO CAMPO PROFISSIONAL	20
4	METODOLOGIA E ANÁLISE.....	22
4.1	COLETA E ANÁLISE DOS PLANOS PEDAGÓGICOS DE CURSO (PPC) E EMENTAS.....	22
4.2	ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE.....	32
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
	REFERÊNCIAS.....	42
	ANEXOS.....	45

1 INTRODUÇÃO

Esta monografia tem como objetivo compreender de que forma o avanço do Jornalismo de Dados (JD) no ambiente digital provocou mudanças nas práticas jornalísticas e de que forma isso impactou o ensino nos cursos de graduação. O nosso ponto de partida foi a seguinte pergunta: como o Jornalismo de Dados (JD) é ensinado nos cursos de graduação?

Nossa premissa de pesquisa foi de que as instituições federais com melhor desempenho no Exame Nacional de Desempenho de Estudante (Enade) trabalham de forma prática e consistente o conteúdo de JD.

O resultado mostra que dos 15 cursos de jornalismo de universidade federais com conceito 5 no Enade, apenas 7 tinham o JD como parte integrante da ementa do componente curricular obrigatório. Por meio da análise de conteúdo das entrevistas em profundidade realizadas com os coordenadores de quatro instituições, identificamos que as competências de Jornalismo de Dados não são o principal foco, e são apenas trabalhadas de forma introdutória, apresentando o assunto ou oferecendo ferramentas básicas, com poucas atividades práticas para o desenvolvendo de competências específicas da área.

A escolha da amostra foi feita a partir de uma análise documental de teor qualitativo (MOREIRA, 2011) do resultado do Enade, divulgado em 2023. Selecionamos as universidades público federais com conceito 5 no exame e realizamos uma análise documental no Plano Pedagógico do Curso (PCC) de cada um dos cursos para identificarmos quais possuem disciplinas obrigatórias de Jornalismo de Dados ou equivalente. Também efetuamos uma análise documental nas ementas das disciplinas, buscando palavras-chave, para verificarmos a existência do conteúdo de Jornalismo de Dados em matérias que não traziam esta denominação de forma explícita.

Posteriormente, fizemos a análise de conteúdo das ementas dessas disciplinas para classificarmos os principais eixos temáticos abordados nestas disciplinas.

Por fim, realizamos entrevistas em profundidade (DUARTE, 2011) com os coordenadores de quatro cursos de jornalismo, um de cada região do Brasil, exceto

pela região norte, que não teve curso de jornalismo com conceito 5 no Enade, e executamos uma análise de conteúdo em suas respostas.

Para isso, partimos de uma linha do tempo observando os avanços tecnológicos que mudaram a forma como as pessoas consomem conteúdo, bem como o seu impacto nas práticas do jornalismo, alterando rotinas e técnicas de produção, ou seja, os processos deste campo profissional.

O trabalho se debruça mais especificamente a partir da introdução dos computadores nas redações e o seu uso na construção do produto do jornalismo, a notícia.

É crucial entendermos as transformações que ocorreram desde a confecção das primeiras Reportagens Assistidas por Computador (RAC), as práticas e técnicas adotadas por Philip Meyer (1991), até a chegada da internet. Neste momento, olharmos para o conceito de ciberespaço, cibercultura e cultura da convergência para uma melhor compreensão de como o consumo e a interação com o conteúdo se modificaram a partir da difusão da rede mundial de computadores.

O trabalho de Luciana Mielniczuk (2003) nos ajuda a conhecer as diferentes “gerações” dos produtos jornalísticos na web, sendo elas três. Em seguida, Suzana Barbosa (2007) apresenta o conceito do Jornalismo Digital Guiado por Dados (JDGD) que estaria entre a terceira e a quarta geração do jornalismo digital. Aqui, há uma compreensão de que cada vez mais as bases de dados e que o conhecimento da programação e da estatística serão áreas transversais no que se refere à prática jornalística.

Isso também se deve as transformações socioculturais que ocorreram neste período. Houve uma expansão do universo do *open data* e uma difusão da cultura do *open government*¹ nas democracias ocidentais. No Brasil, ferramentas como a Lei de Acesso a Informação (LAI) tornaram-se fonte de insumo para a produção da notícia. Mesmo o vazamento de dados sigilosos de interesse público, obtidos por hackers ou minerados por jornalistas entra nesse cenário quando observamos questões éticas dentro das práticas, como as novas formas de lidar sigilo de fonte e com a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), por exemplo.

¹ Iniciativa que pretende difundir e incentivar globalmente práticas governamentais relacionadas à transparência dos governos, ao acesso à informação pública e à participação social.

Tudo contribui para um ambiente onde uma grande quantidade de dados, geralmente públicos, está disponível, seja porque os suportes digitais facilitam a circulação, seja porque mudanças culturais, como o hackativismo², e legais, como as leis de acesso, fazem crescer exponencialmente o acesso à dados. E a lógica começa a transbordar do setor público para o setor privado, cada vez mais cobrado para ter transparência.

Mas a abertura dos dados em si não garante clareza de leitura, é preciso ter práticas mediadoras como o jornalismo. Assim, a publicidade dos dados atende a um direito dos cidadãos, mas, na prática, é o jornalismo que tem que traduzir o excesso em legibilidade. Pelo mesmo direito do cidadão de ser informado que moveu o jornalismo desde a revolução da *penny press*³ (SCHUDSON, 2010), compete agora aos jornalistas defender o acesso, minerar, tratar dados e contar histórias que revelem o que os poderes econômicos e políticos não querem ver revelado.

Daí, a relevância de formar jornalistas para essa missão.

A motivação para realizar esta pesquisa está relacionado ao meu interesse por discutir e aprender temas relacionados ao ensino, assuntos que sempre despertou o interesse graças ao período de experiência em que tive contato com a profissão de professor em um curso de idiomas.

Da mesma forma, trabalhar com dados, tabelas e números me deixou mais próximo de um conteúdo pelo qual tenho muito apreço, por conta do período em que estudei Engenharia Elétrica, antes de ingressar na graduação em Jornalismo.

² Forma de ativismo que utiliza habilidade técnicas para promover a coleta e tratamento de dados sigilosos, tornando-os acessíveis e legíveis para o público.

³ Jornais populares do século XIX, conhecidos por seu preço acessível de um centavo. Introduzidos nos Estados Unidos, esses jornais eram dirigidos a um público mais amplo, devido à sua acessibilidade financeira.

2 O QUE É JORNALISMO DE DADOS: DO RAC À CENTRALIDADE DOS DADOS

2.1 DE GUTENBERG AO MASS MEDIA: AVANÇOS TECNOLÓGICO E UM NOVO GRUPO SOCIAL E SUAS PRÁTICAS

A informação se tornou o bem mais importante do jornalismo moderno recentemente, do ponto de vista histórico. As transformações sociais e no sistema de produção que ocorreram até o século XIX criaram as condições para que surgissem o primeiro *mass mídia*, a imprensa (TRAQUINA, 2018). Os jornais se tornaram negócios lucrativos, a notícia tornou-se mercadoria, e os jornalistas um novo grupo social que reivindicava o monopólio de um saber: a notícia.

Isso não é óbvio, evolução da técnica de impressão em larga escala, da prensa de tipos móveis de Johhan Gutenberg, de Mainz, Alemanha, transformou a sociedade em que surgiu, a Europa medieval. Em meados do século XV, a invenção da máquina de imprimir por Gutenberg permitiu um aumento na produção e no alcance de textos impressos. Até o final daquele século, mais de 250 lugares no continente possuíam máquinas de impressão, as quais produziram cerca de 27 mil edições nesse período (BRIGGS; BURKE, 2002). Mas foi apenas com a ascensão da *penny press* que a informação se tornou o bem principal do jornalismo e reportar uma competência profissional (SCHUDSON, 2010), que implica responsabilidade e competência com as informações.

Leonor O'Boyle (1968) descreve este momento como a “época de ouro” da imprensa que aconteceu por conta de fatores como “1) a evolução do sistema econômico; 2) os avanços tecnológicos; 3) fatores sociais; e 4) a evolução do sistema político no reconhecimento da liberdade no rumo à democracia”. (APUD TRAQUINA, 2018, p. 35)

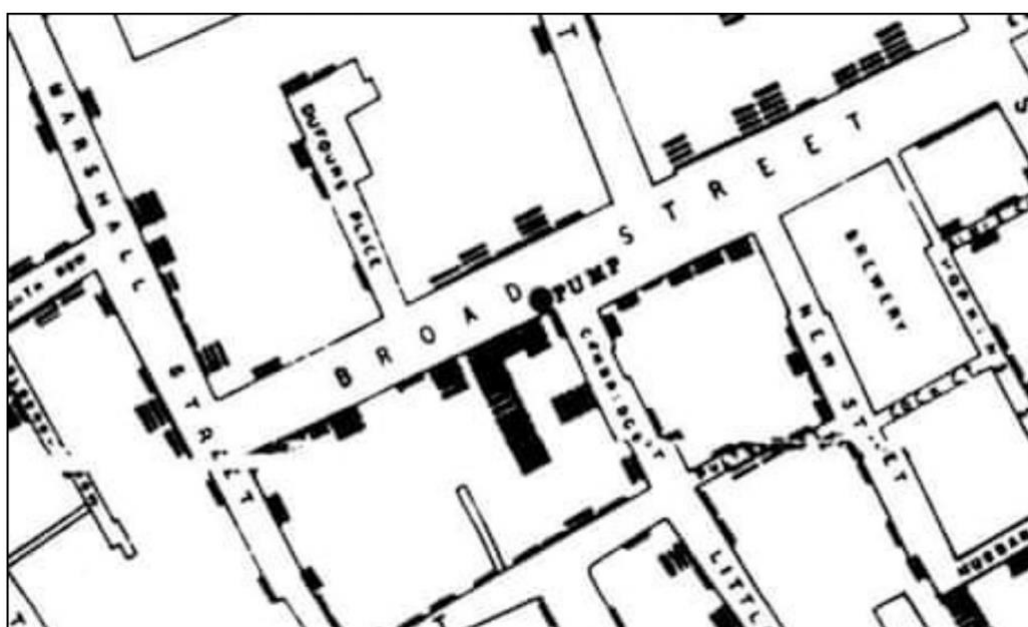
Outra pedra fundante do jornalismo moderno, ao lado da informação completa e precisa, é o amplo contraditório. Os jornais assumiram para si o papel de promover o debate público, o que implica inclusive em ter que abordar visões antagônicas sobre um assunto dentro de uma reportagem. Ao mesmo tempo que protegia e promovia a

liberdade de expressão e o mercado de ideias liberal, o jornalismo mirava em mais credibilidade ao seu conteúdo e reforçava sua ligação com a democracia. Assim, as fontes se tornaram centrais na atividade jornalística. Quem escreve já não fala por si, mas reporta informações e opiniões de outros, ou seja, das fontes.

O jornalista tornou-se central neste processo, desenvolvendo novas práticas para produzir as notícias. O uso de dados e informações numéricas sempre ajudou a embasar as notícias, deixando-as mais robustas e reforçando a credibilidade do conteúdo. No início, os jornalistas precisavam ir a campo para encontrarem os dados e, a partir de seus métodos de organização, construir tabelas que auxiliassem na construção das histórias, mesmo que alguns dados já pudessem ser solicitados aos órgãos oficiais.

Como exemplo, uma reportagem publicada no jornal britânico *The Guardian*, em 1854 trouxe aos leitores a primeira reportagem com visualização de dados (ROGERS, 2013). Produzida pelo médico John Snow, o conteúdo trazia um mapa do bairro de Soho, em Londres, no Reino Unido, onde estava ocorrendo um surto de cólera. O médico então desenhou pequenos traços ao longo das ruas e cada um representava uma pessoa que havia falecido por conta da doença.

Figura 1 – Mapa da cólera desenhado por John Snow, 1854



Fonte: The Guardian, Datablog, 2013

Além dos critérios de noticiabilidade e a busca pela informação de interesse público, também foram elaborados critérios para avaliar o grau de confiabilidade e de cada fonte. Um desses parâmetros é a o grau de produtividade. Traquina (2018) destaca que as fontes institucionais produzem uma quantidade suficiente para fazer a notícia, economizando o tempo do jornalista, sem que este despenda mais tempo em sua apuração.

Estas duas máximas (quantidade e qualidade de informações) guiaram o jornalismo por longo tempo, até que os computadores começaram a mudar práticas profissionais, num prenúncio do que viria com a rede mundial de computadores.

2.2 A INTRODUÇÃO DOS COMPUTADORES NAS REDAÇÕES E O CIBERESPAÇO

A tecnologia seguiu avançando e a informação jornalística alcançou outras plataformas além do papel impresso. A invenção de novas tecnologias da comunicação, como o telégrafo, o rádio, o telefone, o cinema e a televisão influenciaram na forma como as pessoas consumiam a informação e, do outro lado, na forma como ela era produzida.

As grandes guerras mundiais impulsionaram a expansão de veículos de comunicação e de agências de notícias, bem como avanços tecnológicos, os quais chegaram posteriormente às redações. Os computadores se tornaram um acessório fundamental em vários ambientes de trabalho (BRIGGS; BURKE, 2002).

Eles foram introduzidos nas redações dos jornais dos Estados Unidos na década de 50. O uso de computadores nas redações teria começado em 1952, no canal de televisão CBS, quando o veículo usou a máquina para analisar o resultado das eleições presidenciais.

Philip Meyer (1993) foi pioneiro em trabalhar a informação em computadores por intermédio de bases de dados. Quando trabalhava para o Detroit Free Press, o jornalista fez o uso da ferramenta para analisar a demografia da população negra na cidade, dessa forma, aplicando métodos das ciências sociais na cobertura jornalística

dos distúrbios de rua de Detroit. A pesquisa revelou que os atos de vandalismo na cidade não partiam predominantemente de pessoas com baixo nível de instrução e da população negra oriunda do Sul. Ele descobriu que pessoas com nível superior haviam participado dos atos em percentagens similares às que não tinham chegado a completar o segundo grau.

Meyer acreditava que o jornalismo deveria se apropriar de práticas das ciências sociais, como análises estatísticas de grupos populacionais. Ele argumenta que o jornalista deveria fazer o uso de base de dados e pesquisas, ambos assistidas por computador. Por meio do seu trabalho, ele concluiu que a maioria dos participantes dos protestos eram pessoas com alto grau de escolaridade. Segundo Meyer, Jornalismo de Precisão é a aplicação de métodos científicos de investigação social e comportamental à prática do jornalismo (MEYER, 1993, p. 14)

O termo Reportagem Assistida por Computador (RAC), ou *Computer Assisted Reporting* (CAR), surgiu como uma forma de sintetizar esta nova prática de produção e apuração que estava emergindo nas redações. O RAC (Reportagem Assistida por Computador) “consiste na utilização de instrumentos tecnológicos com o objetivo de aproximar ao máximo o jornalista da informação primária, proporcionando-lhe condições mais adequadas para interpretar a realidade” (PENA, 2005. p. 174).

No Brasil, a Folha de São Paulo foi o primeiro jornal a introduzir terminais de computador em suas redações apenas em 1983 (APUD JUNIOR, 2007)

Um novo salto tecnológico acontece com a criação da rede mundial de computadores, a *world wide web*. Assim como os computadores chegaram aos ambientes de trabalho e aos lares das pessoas, a internet também percorreu esse caminho.

Esta rede ressignificou a comunicação e as vivências sociais. Lévy (1999) identificou o ciberespaço como um novo meio de comunicação, que não existe no mundo físico. Desenvolvem-se novas “técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (LÉVY, 1999, p.17).

Vários meios de comunicação, plataformas e formatos de conteúdo encontraram um terreno fértil para crescer na rede mundial de computadores, operando transformações culturais, mercadológicas, sociais e tecnológicas, fenômeno

chamado de convergência (JENKINS, 2009). O jornalismo passou por esse processo, as redações levaram o conteúdo para o ciberespaço, onde, com o passar dos anos, transformações ocorreram na forma de produzir, distribuir e consumir a notícia.

As mídias digitais também permitiram que diversos indivíduos tenham condições para produzir e distribuir conteúdo com imagem, áudio e texto, bem como se apropriar das produções das mídias tradicionais. Jenkins (2009) deu a este processo no nome de cultura de convergência. Este conceito será importante para entender de que forma o jornalismo digital foi impactado pela por essa transformação cultural.

Com a criação e a popularização dos smartphones, os dispositivos móveis também aparecem como ferramentas que possibilitaram aos jornalistas atualizar os portais de notícias com informações coletadas no momento em que estão acontecendo. Da mesma forma, interagentes podem registrar esses eventos “enriquecendo a narrativa, ampliando o alcance da redação e aproximando a notícia da noção de ubiquidade” (CANAVILHAS, RODRIGUES, 2017, p. 62).

2.3 AS GERAÇÕES DE DESENVOLVIMENTO DO JORNALISMO DIGITAL

Mielniczuk (2003) classifica a trajetória do jornalismo na web em três gerações: Transposição; Metáfora; e Webjornalismo.

Na primeira geração, a de Transposição, as notícias eram meramente veiculadas aos portais, apenas reproduzindo partes dos que era publicado nos jornais impressos. O material era atualizado a cada 24h, atrelado ao fechamento das edições impressas. Não havia preocupação em explorar novas possibilidades nessa nova plataforma.

Na geração denominada “metáfora”, novas possibilidades de interagir com o conteúdo surgiram. O impresso torna-se referência para a elaboração da interface dos produtos. A notícia passa a explorar recursos do hipertexto e *links* passaram a ser usados com chamadas para notícias que aconteceram no período entre edições. Novos canais de comunicação conectaram jornalistas e leitores, como o e-mail e os fóruns, que fomentaram novos espaços de debate.

Na terceira geração, o Webjornalismo, já há a ocorrência de iniciativas empresariais e editoriais destinadas exclusivamente para esse suporte. Produtos

jornalísticos apresentam recursos em multimídia e interatividade. O interagente ganhou mais opções para configurar o produto e o hipertexto começou a ser empregado na narrativa de fatos.

Quanto a denominação desta última geração, prefere-se adotar o termo jornalismo digital por ser considerado mais abrangente (BARBOSA 2007), uma vez que engloba produtos jornalísticos na web, bem como recursos e tecnologias disponíveis utilizados para a disseminação desses produtos em outros dispositivos.

No cenário intermediário entre a terceira e a quarta geração, Barbosa (2007) identifica o surgindo de um novo paradigma, denominado Jornalismo Digital em Base de Dados (JDBD).

Uma fase de base tecnológica ampliada, acesso expandido por meio de conexões banda larga; proliferação de plataformas móveis; equipes mais especializadas; uso expandido de bases de dados; algoritmos; linguagens de programação; desenvolvimento de sistemas de gestão de conteúdos mais complexos; maior incorporação dos blogs; adoção de sistemas que habilitem a participação efetiva do usuário na produção de informações; produtos diferenciados criados e mantidos de modo automatizado; sites dinâmicos; narrativas multimídia, infografia interativa; emprego do RSS (Really Simple Syndication ou Rich Site Summary) para recolher, difundir e compartilhar conteúdos; uso da técnica do podcasting para distribuição de conteúdos em áudio e em vídeo; experimentação de elementos conceituais novos para a organização da informação maior integração do material de arquivo na oferta informativa; emprego de metadados e data mining para extração de conhecimento e aplicação de novos métodos para gerar visualizações diferenciadas para os conteúdos jornalísticos. (BARBOSA, 2007, p. 150)

Para Träsel (2014), o Jornalismo Guiado por Dados (JGD) é “a aplicação da computação dos saberes das ciências sociais na interpretação de dados, com o objetivo de ampliar a função da imprensa como defensora do interesse público”.

A distinção entre Jornalismo de Dados e Jornalismo com Dados também é uma questão a ser delimitada. Enquanto no Jornalismo com Dados pode ser traduzida pela prática das competências clássicas do jornalismo de coletar, organizar, analisar e apropriar dados de forma ilustrativa, tendo o dado quantitativo o papel de ilustrar uma reportagem, no Jornalismo de Dados “o dado seria o próprio fundamento da pauta e

a história das relações entre os dados conduziria, neste caso, a reportagem” (MANCINI; VASCONCELLOS, 2016).

Em seu trabalho, os autores analisam uma série de reportagens e criam uma matriz para classificar diferentes aspectos desses conteúdos, a fim de criar uma escala entre o Jornalismo com Dados e o Jornalismo de dados. Estes critérios são importantes para observarmos as competências desenvolvidas pelos estudantes de Jornalismo de Dados.

A partir dessa premissa, Mancini e Vasconcellos (2016) separam em três dimensões a sua análise de reportagens para operacionalizar uma escala de classificação entre Jornalismo de Dados ou Jornalismo com Dados.

Mais próximo do Jornalismo com Dados estavam as reportagens que envolviam a extração, estruturação, organização e produção do próprio dado pela equipe de jornalistas (dimensão investigativa); a apresentação de um texto jornalístico analítico, que trouxessem uma análise sobre as relações entre os dados (dimensão interpretativa); e a visualização gráfica do conteúdo, seja por gráficos ou infográficos que promovam uma melhor compreensão analítica da reportagem (dimensão comunicativa).

3 UM NOVO CENÁRIO: CRISE DO JORNALISMO E MUDANÇAS INSTITUCIONAIS E NA FORMAÇÃO DE NOVOS PROFISSIONAIS

3.1 MUDANÇAS INSTITUCIONAIS

Quando tratamos do ensino do Jornalismo de Dados (JD), observamos na literatura que sua relevância vem ganhando potência. Além do avanço técnico das ferramentas de apuração e produção da notícia, pesquisas e estudos acadêmicos consultados sobre este tema tratam da crise que o jornalismo vem enfrentando e como o avanço do JGD nas redações se apresenta como um caminho quase inevitável na formação do profissional desta área.

Anderson *et al.* (APUD MANCINI, VASCONCELLOS, 2016) aponta para a mudança do modelo de negócio das empresas jornalísticas atuais, chamado de industrial, indo em direção a uma estrutura de menor porte, mais dinâmica e tendo a internet como ferramenta aliada em sua prática. Este caminho se tornou inevitável, uma vez que a internet tornou rotineiro o que Jenkins (2009) descreveu como cultura participativa, em que o público tem um papel cada vez mais ativo e participativo na construção da notícia e nas práticas do jornalismo digital.

A cibercultura é vista como uma manifestação do pensamento tecnológico no cotidiano e a crença de que a tecnologia é capaz de resolver problemas de quaisquer naturezas (RÜDIGER, 2011). O consumidor de notícias também é impactado por este fenômeno, buscando reportagens mais focadas em métricas quantitativas que possam oferecer análises e reflexões sobre o contexto em que se vive (MEYER, 1991).

Neste cenário, em que o JGD busca uma maior aproximação do ideal de objetividade, se comparado as técnicas de apuração anteriores, ele também torna-se “a resposta eleita por um determinado grupo de profissionais para reagir à crise econômica e identitária pela qual passa o jornalismo contemporâneo (TRÄSEL, 2014).

Essa resposta é intermediada por uma crença na capacidade da tecnologia de resolver problemas de qualquer natureza, que os leva a buscar na aplicação da informática às rotinas produtivas das notícias uma superação das contradições do jornalismo. A superação é entendida como uma maior aproximação ao ideal de objetividade do que a permitida pelas técnicas de apuração comuns, ou mesmo sua concretização. (TRÄSEL, 2019, p. 2)

Desse modo, é possível inferir que o aprendizado de novas ferramentas e práticas dentro desta disciplina seria responsável por preparar um profissional mais qualificado, cuja performance tem um papel a exercer na dinâmica democrática. De acordo com Hallin e Mancini (APUD MANCINI, VASCONCELLOS, 2016, p. 70), o jornalismo é um importante ator no processo de *accountability* político, exigindo “do campo político justificativas para suas decisões, sua atuação institucionalizada acaba por refletir sobre a *performance* das democracias.”

Entre as mudanças institucionais que interferem na atuação do jornalista, está a tendência de adoção do *Open Government* por diversos governos e países pelo mundo. O termo se refere a projeto e ações que promovem a transparência de dados públicos e governamentais, de modo a contribuir com a luta contra a corrupção e o incremento da participação social. Este movimento das instituições de Estado altera na forma como os profissionais da imprensa operam. “Quando a informação. Era escassa, a maior parte de nossos esforços estavam voltados a caçar e reunir dados. Agora que a informação é abundante, processá-la tornou-se mais importante” (FLEW et al., 2012, APUD MANCINI, VASCONCELLOS, 2016, p. 70).

3.2 NOVAS DIRETRIZES E COMPETÊNCIAS NO CAMPO PROFISSIONAL

Com a publicação das novas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para o curso de graduação em Jornalismo (BRASIL, 2013), a formação do graduando foi organizada em três eixos temáticos: fundamentação humanística, fundamentação específica, fundamentação contextual, formação profissional, aplicação processual e prática laboral. De acordo com Meditsch (2018), a valorização da cultura profissional do jornalismo está no centro das novas diretrizes curriculares.

Por meio da pesquisa documental dos Planos de Pedagógicos de Curso (PPC) e das entrevistas em profundidade, nossa pesquisa observou que o Jornalismo de Dados passou a figurar como protagonista de componentes curriculares que nasceram após a publicação da nova DCN.

Dentro do conteúdo das novas Diretrizes, destaca-se a preparação profissional para lidar com as transformações tecnológicas, o domínio de metodologias

jornalísticas para apuração, depuração, aferição, edição e difusão dos fatos, bem como o exercício da fiscalização sobre os poderes constituídos (BRASIL, 2013).

Podemos concluir que para os novos graduados em Jornalismo, inseridos nessa conjuntura, o jornalismo de dados deve favorecer o “trânsito desses profissionais em uma realidade em que a geração de riquezas, a construção de laços afetivos e as relações de poder são também medidas por dados”. (SILVA, N; MARTINS, A., 2019, p.15)

Apesar de já terem se passado dez anos desde a publicação da última DCN e levando em conta o atual cenário da indústria do jornalismo, ainda existem diversos cursos de graduação de não contemplam a metodologia do jornalismo de dados em seu Planos Pedagógicos de Curso (PPC), como será apresentado a seguir.

4 METODOLOGIA E ANÁLISE

4.1 COLETA E ANÁLISE DOS PLANOS PEDAGÓGICOS DE CURSO (PPC) E EMENTAS

Para operacionalizarmos este projeto de pesquisa, iniciamos pela análise documental (MOREIRA, 2011) dos resultados do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade), seguido da análise do Projetos Pedagógicos de Curso (PPC).

Na primeira etapa, fizemos a coleta do resultado do Enade em .xlsx, formato usado pelo programa Excel e, em seguida, aplicamos um filtro para ranquear as universidades.

A partir do arquivo com o ranking completo, excluimos colunas desnecessárias à pesquisa e obtivemos o seguinte quadro.

QUADRO 1 - Ranking dos cursos de jornalismo com conceito 5 no Enade 2022

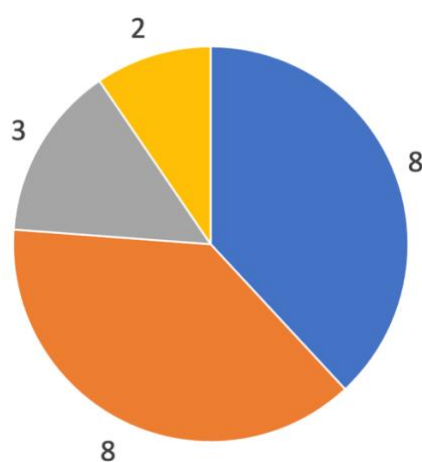
Posição no Ranking	Nome da Instituição	Sigla	Categoria Administrativa	Cidade	Estado
1ª	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	UFRGS	Pública Federal	Porto Alegre	RS
2ª	Centro Universitário Socias		Privada com fins lucrativos	Joinville	SC
3ª	Universidade Veiga de Almeida	UVA	Privada com fins lucrativos	Cabo Frio	RJ
4ª	Universidade Federal de Santa Catarina	UFSC	Pública Federal	Florianópolis	SC
5ª	Universidade Federal do Paraná	UFPR	Pública Federal	Curitiba	PR

6ª	Universidade Regional de Blumenau	FURB	Pública Municipal	Blumenau	SC
7ª	Universidade Federal de Minas Gerais	UFMG	Pública Federal	Belo Horizonte	MG
8ª	Universidade Federal de Goiás	UFG	Pública Federal	Goiânia	GO
9ª	Universidade Federal do Ceará	UFC	Pública Federal	Fortaleza	CE
10ª	Universidade Federal do Paraná	UFPR	Pública Federal	Curitiba	PR
11ª	Universidade Federal Fluminense	UFF	Pública Federal	Niterói	RJ
12ª	Universidade Federal de Uberlândia	UFU	Pública Federal	Uberlândia	MG
13ª	Universidade Federal do Rio de Janeiro	UFRJ	Pública Federal	Rio de Janeiro	RJ
14ª	Universidade de Brasília	UNB	Pública Federal	Brasília	DF
15ª	Universidade Federal da Bahia	UFBA	Pública Federal	Salvador	BA
16ª	Universidade Federal da Paraíba	UFPB	Pública Federal	João Pessoa	PB
17ª	Universidade Federal de Viçosa	UFV	Pública Federal	Viçosa	MG
18ª	Centro Universitário da Região da Campanha	Urcamp	Privada sem fins lucrativos	Bagé	RS

19 ^a	Universidade Estadual do Centro Oeste	Unicentro	Pública Estadual	Guarapuava	PR
20 ^a	Universidade Federal de Juiz de Fora	UFJF	Pública Federal	Juiz de Fora	MG
21 ^a	Universidade do Estado do Rio de Janeiro	UERJ	Pública Estadual	Rio de Janeiro	RJ

A partir do quadro apresentado, podemos concluir que dos 21 cursos de jornalismo com conceito 5, a maior concentração na região sul e sudeste, com oito universidades cada. Em seguida vem a região nordeste com três universidades; e região centro-oeste, com duas universidades. Nenhuma universidade da região norte se encaixou neste critério. Também verificamos que cinco das seis universidades mais bem colocadas no ranking ficam na região sul.

Gráfico 1 – Distribuição dos cursos de jornalismo com conceito 5 no ENADE por região.



As cores azul, laranja, cinza e amarelo representam, respectivamente, as regiões sul, sudeste, nordeste e centro-oeste. Fonte: elaborado pelo autor.

Avaliando a categoria administrativa das universidades observadas, descobrimos que 15 das 21 universidades são instituições público federais; duas são público estaduais; duas são privadas com fins lucrativos; uma é público municipal; e uma é privada com fins lucrativos.

Também é preciso observar que a Universidade Federal do Paraná (UFPR) aparece em 5º e 10º lugares no ranking. Isto acontece porque dois alunos do extinto curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo (10º no ranking) participaram da edição 2022 do Enade, sendo classificados de forma separa dos alunos do novo curso de Jornalismo (5º no ranking).

Como optamos por estudar as instituições publico federais, descartamos as demais universidades da próxima etapa da pesquisa, que foi acessar os Projetos Pedagógicos de Curso (PPC), disponíveis nos sites dos cursos de jornalismo das instituições selecionadas.

Assim, universidade privadas com ou sem fins lucrativos e com conceito 5 no Enade como o Centro Universitário Sociesc, 2º colocado, Universidade Veiga Almeida (UVA), 3ª colocada, e Centro Universitário da Região da Campanha, 18º colocado, foram desconsideradas.

A Universidade Regional de Blumenau (FURB, 6ª colocada) foi desconsiderada por ser uma instituição pública municipal. A Universidade Estadual do Centro Oeste (Unicentro, 19ª colocada) e a Universidade Estado do Rio de Janeiro (UERJ, 21ª colocada) foram desconsideradas por serem instituições públicas estaduais.

Como a análise estava sendo realizada nos PPCs de 15 universidade, buscamos por palavras-chaves que nos ajudassem a encontrar as disciplinas alvo da pesquisa.

As palavras escolhidas foram: jornalismo de dados; jornalismo guiado por dados; reportagem assistida por computador; jornalismo investigativo; data-driven; dados; e lei de acesso à informação.

Identificamos que nem todos as matrizes curriculares presentes nos PPCs possuíam disciplinas com os nomes pesquisados, então tivemos de expandir a lista de termos buscados e analisamos as ementas das matérias que foram compatíveis com esta busca expandida que incluiu os temos: ciber; ciberjornalismo; e jornalismo digital.

Desta forma, conseguimos encontrar mais cursos com disciplinas que se encaixavam na proposta de pesquisa. Também é importante frisar que encontramos PPCs que traziam em sua redação o tema do Jornalismo de Dados, mas não

encontramos matérias com ementas que trouxessem de forma explícita o desenvolvimento das competências englobadas pelo ensino do Jornalismo de Dados.

Neste processo, as Universidades Federal de Minas Gerais (UFMG), 7ª colocada, Universidade Federal de Federal de Goiás (UFG), 8ª colocada, Universidade Federal de Uberlândia (UFU), 12ª colocada, e Universidade Federal de Viçosa (UFV), 17ª colocada, foram desclassificadas da pesquisa, pois não apresentavam as palavras-chaves nas disciplinas de sua matriz curricular, ou na ementa das matérias que se encaixavam na busca expandida, por mais que alguns tratassem do tema na redação dos PPCs.

A Universidade Federal do Ceará (UFC), 9ª colocada, e a Universidade Federal da Bahia (UFBA), 15ª colocada, foram retiradas da amostra, pois possuem a disciplina alvo em sua matriz curricular, mas apenas como matérias optativas ou matérias disponibilizadas por departamentos de outros cursos, o que contribui para a formação de um profissional capacitado para trabalhar com bases de dados ou JGD, mas desvia dos critérios da pesquisa.

Para as universidades selecionadas, elaboramos o seguinte quadro.

QUADRO 2 – Cursos com disciplinas obrigatórias de Jornalismo de Dados ou com competências equivalentes em sua ementa

Sigla da IES e colocação no ranking	Nome da disciplina	Período	Carga horária	Ementa
UFRGS 1º	Ciberjornalismo III	5º	60h	Transparência pública e Lei de Acesso à Informação. Apuração e investigação jornalística na Internet. Jornalismo Guiado por Dados. Checagem de fatos. Narrativas hipertextuais e multimidiáticas.
UFSC 4º	Linguagem e texto jornalístico IV	4º	108h	Jornalismo Investigativo. Jornalismo de Dados. Grande Reportagem: complexidade da pauta e

				profundidade. Série de reportagens. Grande reportagem em diferentes mídias.
UFPR 5º	Jornalismo Investigativo e de Dados	6º	60h	Jornalismo de dados, tratamento estatístico de informação, transmidia, linguagem de jornalismo digital, hackerismo, jornalismo colaborativo e curadoria de dados.
UFF 11º	Jornalismo para plataformas digitais	5º	60h	Pós-jornalismo e a disrupção da indústria jornalística. Transformações nos processos de produção e distribuição de notícias. Jornalismo colaborativo: limites e possibilidades. Data-driven journalism e resolução semântica. Novos formatos narrativos. Infotreinamento e engajamento da audiência. Infografia e visualização de dados. Marco Civil da Internet e outros aspectos legais ligados à produção e difusão de conteúdo em rede. Mídias sociais e suas aplicações no relacionamento com fontes e leitores. Jornalismo e mobilidade.
UFRJ 13º	Jornalismo de dados	6º	60h	Jornalismo de Precisão, Reportagem Assistida por Computador (RAC), Jornalismo de Dados. Coleta, tratamento, análise, interpretação e visualização de dados. Narrativas guiadas por dados. Big data, dados estruturados e não estruturados. Softwares, aplicativos e linguagens de programação. Lei de

				Acesso à Informação e dados abertos.
UNB 14º	Webjornalismo	3º	60h	História da Internet no mundo e no Brasil. Hipermidialidade, hipertextualidade, multimidialidade, interatividade, instantaneidade, memória e personalização. Ferramentas, novos gêneros e formatos no jornalismo em rede. Reportagem Assistida por Computador e data mining. Produção de notícias para blogs, sites e dispositivos móveis. Técnica de construção da narrativa multimídia. Trabalho em redação convergente e integrada. Redes sociais.
UFPB 16º	Técnica de reportagem em base de dados	3º	60h	O fenômeno contemporâneo dos dados ("Big Data") e sua aplicação no Jornalismo. A base de dados como dispositivo informacional. Os fundamentos da reportagem assistida por computador. A pauta, as fontes, a entrevista, a checagem e reportagem em jornalismo de banco de dados. O conceito prospectivo de notícia tendo como característica de operação a sua fundamentação em bases de dados. A utilização de aplicativos de operação com base de dados. A concepção da base de dados como uma nova forma cultural.
UFJF 20º	Técnicas de investigação jornalística	3º	60h	Fontes documentais e pesquisa no processo de produção jornalística.

				Informação documental e outras fontes de informação. A função do jornalista frente ao potencial de pesquisa na internet. Bancos de dados e pesquisa auxiliada por computador. A entrevista como técnica de investigação. O rigor informativo e a responsabilidade jornalística.
--	--	--	--	---

Feito a coleta das ementas, executamos a análise de conteúdo em seu texto a fim de identificarmos quais eram as principais competências a serem desenvolvidas, ou de forma estes conteúdos tangiam assuntos de interesse para a disciplina de Jornalismo de Dados.

QUADRO 3 – Recorrência de temas nas ementas

Temas	Ementas em que estão presentes
Transparência pública / LAI / Lei de dados Abertos	UFRGS e UFRJ
Investigação jornalística/ jornalismo investigativo	UFRGS / UFSC / UFJF
Jornalismo Guiado por Dados (JDG) / Jornalismo de Dados (JD) / Data-Driven Journalism e resolução semântica / Jornalismo de Banco de Dados	UFRGS (JDG), UFSC (JD), UFPR (JD), UFF (JD), UFRJ (JD), e UFPB (Jornalismo de Banco de Dados)
Reportagem Assistida por Computador (RAC) / Bancos de dados e pesquisa auxiliada por computador	UFRJ, UNB, UFPB e UFJF
Jornalismo de Precisão	UFRJ
Checagem	UFRGS
Hackerismo	UFPR

Hipermidialidade, multimidialidade, interatividade, memória e personalização / Novos gêneros e formatos no jornalismo em rede / Narrativas hipertextuais e multimídia / Narrativas guiadas por dados / Transmídia / Novos formatos narrativos	UNB, UFRJ, UFPR e UFF
Grande Reportagem: complexidade da pauta e profundidade. Série de reportagens. Grande reportagem em diferentes mídias.	UFSC
Jornalismo colaborativo / Jornalismo colaborativo: limites e possibilidades	UFPR e UFF
Tratamento estatístico de informação	UFPR e UFRJ
Curadoria de dados	UFPR
Coleta, tratamento, análise, interpretação e visualização de dados	UFRJ
Visualização de dados e infografia	UFF e UFRJ
Big Data / Dados estruturados e não estruturados	UFRJ e UFPB
Data mining	UNB
Software, aplicativos e linguagem de programação / A utilização de aplicativos de operação com base de dados	UFRJ e UFPB
Jornalismo digital	UFPR
Marco Civil da Internet e outros aspectos legais ligados à produção e difusão de conteúdo em rede	UFF
História da internet no mundo	UNB

Pós-jornalismo e a disrupção da indústria jornalística	UFF
Trabalho em redação convergente	UNB
O conceito prospectivo de notícia tendo como característica de operação a sua fundamentação em bases de dados	UFPB
A concepção da base de dados como uma nova forma cultural	UFPB
Fontes documentais e pesquisa no processo de produção jornalística. Informação documental e outras fontes de informação.	UFJF
A função do jornalista frente ao potencial de pesquisa na internet	UFJF
O rigor informativo e a responsabilidade jornalística.	UFJF
Transformações nos processos de produção e distribuição de notícias	UFF
Mídias sociais e suas aplicações no relacionamento com fontes e leitores / Infotreinamento e engajamento da audiência.	UFF
Jornalismo e mobilidade.	UFF

Verificamos que os termos mais recorrentes nos 15 PPCs analisados foram Jornalismo Guiado por Dados (JDG), Jornalismo de Dados (JD), Data-Driven Journalism e resolução semântica e Jornalismo de Banco de Dados, com seis ocorrências.

Logo em seguida vem a Reportagem Assistida por Computador, com quatro ocorrências, assim como o tema das novas narrativas em diferentes plataformas.

O tema do Jornalismo Investigativo apareceu com três ocorrências.

Os demais termos ficaram com apenas uma ou duas ocorrências.

4.2 ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE

Para as entrevistas em profundidade (DUARTE, 2011), preparamos um questionário com 6 perguntas para os coordenadores de quatro das sete instituições que apresentando o Jornalismo de Dados (JD) nas ementas de seus componentes curriculares.

QUADRO 4 – Perguntas para os coordenadores

1 - Quando a disciplina selecionada introduziu o Jornalismo de Dados na ementa?
2 - Quais as principais competências os alunos destas disciplinas devem desenvolver?
3 - Quais trabalhos práticos avaliativos os alunos devem desenvolver ao longo das disciplinas?
4 - Quais ferramentas ou aplicativos são ensinados em sala de aula?
5 - Quais são as principais bases de dados ensinadas/ acessadas na disciplina?
6 - Por que vocês escolheram esta periodização e quais os pré-requisitos para a disciplina? Quais os usos posteriores deste conteúdo ainda na graduação?

A escolha de entrevistar os coordenadores estava não apenas na busca por aprofundar o nosso conhecimento sobre a forma como o JD é trabalhado em sala de aula, mas também para termos um panorama mais holístico, compreendendo o momento em que o conteúdo foi introduzido e como o componente curricular estudado interage com as disciplinas de períodos anteriores e posteriores dos Planos Pedagógicos Curriculares.

Dentro dos sete cursos selecionados para a amostragem, escolhemos um de cada região do país para a execução das entrevistas em profundidade. Da região sul, selecionamos a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); da região sudeste, selecionamos a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF); da região centro-oeste, selecionamos a Universidade Nacional de Brasília (UNB); e, da região nordeste, selecionamos a Universidade Federal da Paraíba (UFPB). As universidades de cada

região que participaram da pesquisa foram as primeiras de cada região a atender a nossa solicitação de entrevista por videochamada. Não houveram cursos de jornalismo de instituições da região norte do país que receberam o conceito 5 no Enade.

Para todos os coordenadores, o questionário foi apresentado um dia antes da entrevista, dessa forma permitindo que, caso necessário, os entrevistados coletassem as informações necessárias para responderem as perguntas. A única exceção foi da coordenadora da UFJF que preferiu uma entrevista mais espontânea, recusando a possibilidade de verificar de forma antecipada os questionários.

Fazendo a análise de conteúdo (BARDIN, 2016) de forma simplificando, usando as próprias perguntas como categorias de análise. A partir das respostas recebidas, produzimos o seguinte quadro.

QUADRO 5 – Respostas para a primeira pergunta

1 - Quando a disciplina selecionada introduziu o Jornalismo de Dados na ementa?	UNB	Foi na última mudança de estrutura curricular, em 2016.
	UFPB	O PCC de 2016 marca uma nova trajetória do curso, porque ele é o seguinte a publicação das diretrizes curriculares.
	UFJF	Fizemos uma mudança curricular que entrou em vigor em 2015, quando a gente fez a migração do curso adequando as diretrizes curriculares em jornalismo.
	UFSC	Foi mais ou menos em 2018.

Todas as ocorrências aconteceram após a publicação das diretrizes, apesar de apenas dois respondentes citarem o documento.

QUADRO 6 – Respostas para a segunda pergunta

2 - Quais as principais competências os alunos destas disciplinas devem desenvolver?	UNB	Capacidade de lidar com algumas das ferramentas disponíveis do jornalismo de dados, do mais básico, como Excel, Google Sheets, até as mais sofisticadas como SQL, Tableau, Open Refine, Datawrapper. Prospecção de dados.
	UFPB	Desenvolver métodos de obtenção e cruzamento de dados. Saber acessar esses dados, onde e como acessar. Saber desenvolver relações entre os dados a partir de questionamentos relevantes para o que você quer descobrir. Operar bases de dados, cálculos e aplicativos.
	UFJF	Eles fazem acesso a LAI, mas não coisas mais aprofundadas, é mais preliminar mesmo, de explorar possibilidades. Eles tentam solicitar informação a partir de LAI e a partir dali produzir um material.
	UFSC	Eles precisam ter domínio de um maior número de informações para produzir o texto (grande reportagem). Acho que é como interpretar dados.

A resposta do coordenador da UNB aponta para o ensino de ferramentas para coleta, tratamento, análise e visualização de dados; na UFPB para coleta, tratamento, análise, cálculo e ferramentas; na UFJF para o uso de ferramentas de transparência passiva; e na UFSC para o tratamento e análise de dados.

QUADRO 7 – Respostas para a terceira pergunta

3 - Quais trabalhos práticos avaliativos os alunos devem desenvolver ao longo das disciplinas?	UNB	Eles têm feito criação de site, redes sociais, eles têm feito muita coisa nisso. A gente não foge dos velhos métodos, temos testes, fichamento de conteúdo, tem uma bibliográfica que eles precisam dar conta, produção de notas de pesquisa.
	UFPB	Três avaliações, regra da instituição para componentes curriculares com carga horária de 60 horas. Primeira - análises de caso do mercado que são feitos com Jornalismo de Dado; Segunda - acessar as plataformas sugeridas de informação de dados e conhecer como funcionam, fazer perguntas e trazer para avaliação; Terceira - produzir um material jornalístico com pelo menos duas bases de dados distintas. Neste semestre letivo o conteúdo final será em formato de infografia.
	UFJF	Verificar com o professor da disciplina
	UFSC	Eles vão trabalhar em uma grande reportagem. Grande nota da disciplina é a grande reportagem, que tem de oito a dez páginas, e que a professora vem trabalhando a cada aula.

Não encontramos correlação com as competências ensinadas para os alunos com as atividades avaliativas realizadas no componente curricular analisado da UNB. Na UFPB, encontramos correspondência entre as competências ensinadas e sua aplicação nas atividades avaliativas. O resultado da pergunta para o entrevistado da

UFJF foi inconclusivo. Na UFSC, não encontramos correspondência direta entre as competências ensinadas e a atividade avaliativa.

QUADRO 8 – Respostas para a quarta pergunta

4 - Quais ferramentas ou aplicativos são ensinados em sala de aula?	UNB	Excel, Google sheets, SQL, Tableau. Open Refine e Data Wraper tem sido bastante usados, mas não ensinadas de maneira tão avançada.
	UFPB	Temos usado o Excel, ferramentas do Google, como o Docs e o Sheets, e usamos ferramentas do jornalismo visual e do design de informação na formatação desses dados para o público, como Illustrator e InDesign, porque trabalha gráficos e infográficos.
	UFJF	Verificar com o professor da disciplina.
	UFSC	Não tem nenhuma indicação de ferramenta específica no plano de ensino da disciplina. Excel com certeza.

O coordenado da UNB indicou o ensino das ferramentas Excel; Google Sheets; SQL; Tableau; Open Refine; Data Wraper. A coordenadora da UFPB indicou o ensino das ferramentas Excel; Google Sheets; Google Docs; Illustrator; e InDesign. Na entrevista com a coordenadora da UFJF, foi orientado que verificássemos esta informação com o professor da disciplina. Na entrevista com a coordenadora da UFSC foi indicado o ensino da ferramenta Excel.

QUADRO 9 – Respostas para a quinta pergunta

5 - Quais são as principais bases de dados	UNB	A preferência é por bancos de dados públicos abertos, como o IBGE,
--	-----	--

ensinadas/ acessadas na disciplina?		DATASUS, informações do INEP, do TSE, às vezes, do SICONFI, do Banco Central. Eventualmente, a gente tem gente pesquisando contas públicas, o Mapa da Violência.
	UFPB	DATASUS, IBGE e Portal da Transparência.
	UFJF	Verificar com o professor da disciplina.
	UFSC	Lei de Acesso a informação e os diários oficiais

O coordenador do curso da UNB explicou que os alunos são ensinados a usar portais e bases de dados como o IBGE; DATASUS; INEP; TSE; SINCOFI; e bancos de dados públicos abertos. A coordenadora do curso da UFPB explicou que os alunos são ensinados a usar portais e bases de dados como o IBGE; DATASUS; e Portal da Transparência. A coordenadora do curso da UFJF solicitou que verificássemos esta informação com o professor da disciplina. A coordenadora do curso da UFSC explicou que os alunos são ensinados a usar portais e bases de dados como a Lei de Acesso à Informação e diários oficiais.

QUADRO 10 – Respostas para a sexta pergunta

6 - Por que vocês escolheram esta periodização e quais os pré-requisitos para a disciplina? Quais os usos posteriores deste conteúdo ainda na graduação?	UNB	Pré-requisito: Webdesign. Com Jornalismo de Dados, entendemos que era do meio do curso em diante, essa era nossa decisão teórica. Na decisão prática, Webjornalismo ficou 3º semestre, mas era para ficar mais adiante.
	UFPB	Não tem pré-requisito. Esse conhecimento dá fundamento base para

		os principais laboratórios que a gente tem, que começam a partir do 4º semestre.
	UFJF	Não tem pré-requisito. Então a análise de dados é um componente do que a gente entende que seja apuração jornalística. Hoje, nosso entendimento é de que a apuração jornalística passa pelo jornalismo de dados. Temos um conjunto de disciplinas opcionais, eletiva, temos vários projetos que depende de apuração.
	UFSC	Pré-requisito: Linguagem e texto jornalístico I, II (linguagem jornalística e texto) e III (interpretativo, perfil). Porque os alunos já estão mais familiarizados com as práticas de apuração, entrevista e redação jornalística. Como eles vão produzir uma reportagem mais de fôlego, eles têm que conhecer que existem dados, bases, e até como trabalhar com grandes relatórios, cheios de dados.

Todos os respondentes citaram a necessidade de o aluno já ter familiaridade com a linguagem jornalística e a produção de notícia como “pré-requisitos”.

O coordenador da UNB citou a matéria de Webdesign como pré-requisito, mas esta disciplina obrigatória também fica localizada no terceiro período e não aparece como pré-requisito formal no PPC.

A coordenadora da UFSC citou as disciplinas de Linguagem e texto jornalístico I, II e III como pré-requisitos.

O coordenador da UNB afirmou que a periodização da disciplina respeitou fatores externos na hora de montar a matriz curricular.

As coordenadoras da UFPB e UFJF afirmaram que o conteúdo de Jornalismo de Dados traz ferramentas que serão usadas em diversas disciplinas posteriores, principalmente nos laboratórios, por isso as disciplinas que trabalham este conteúdo ficam localizados no 3º e 2º semestres, respectivamente.

A coordenadora da UFSC afirmou a periodização adotada respeita o momento em que os alunos têm mais familiaridade com as técnicas jornalísticas de apuração e redação, usando o Jornalismo de Dados como ferramenta para conhecer e tratar um maior volume de dados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso objetivo em buscar as disciplinas obrigatórias com o conteúdo de Jornalismo de Dados (JD) nas ementas dos componentes curriculares dos Planos Pedagógicos Curriculares (PCC) vem da premissa de que está é uma forma de garantir que os alunos de graduação tenham contato e desenvolvam o aprendizado das competências desta área, pois, enquanto disciplina optativa, não há a garantia de que o aluno vai estar preparado para encarar o campo profissional munido dessas ferramentas, que vem ganhando espaço no novo modelo de empresa jornalística pós-industrial.

Levando em conta que a as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo (BRASIL, 2013), que trouxeram uma maior ênfase a formação técnica e profissionalizante para os estudantes, concluímos que a profundidade com que o jornalismo de dados ainda é trabalhada nas disciplinas obrigatórias de forma insuficiente, o que torna os novos profissionais mais autônomos e capazes de operar as novas ferramentas a formatos, o que enfraquece o desenvolvimento de atividades que envolvam o trabalho com grandes bases de dados.

Contudo, verificamos obstáculos ao aprendizado deste conteúdo quando observado no caso de disciplinas que, mesmo apresentando ou aprofundando o conteúdo de JD não exigem nenhum tipo de atividade prática envolvendo as competências e ferramentas da área.

Este prejuízo também se reflete na atuação dos novos jornalistas em sua atuação no processo de *accountability* político, em um cenário em que o trabalho jornalístico compete espaço na rede mundial de computadores com diversos outros produtores de conteúdo. Isto apenas reforça a necessidade de os novos jornalistas serem capazes de acessar e entrevistar dados público, ação necessária e que acaba por refletir na performance das democracias.

Apesar disto, a inclusão do conteúdo de jornalismo de dados nos PPC, ainda que de forma introdutória nos componentes curriculares obrigatórios, é uma medida saudável para que os estudantes possam ter uma formação básica desta atividade,

não sendo surpreendidos com o que possivelmente vão encontrar cada vez mais no campo profissional que está em constante evolução.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 3ª ed. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARBOSA, S. **Jornalismo digital em Base de Dados (JDBD): um paradigma para produtos jornalísticos digitais dinâmicos**. 2007. 331 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia. Disponível em <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/11299>. Acesso mai. 2023.

BRASIL, Ministério da Educação. Resolução 01/CNE/CES/2013, de 27 de setembro de 2013. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, bacharelado, e dá outras providências. Brasília, 2013.

BRIGGS, A.; BURKE, P. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006. p 24.

DANTAS, I.; ROCHA, H. Dispositivos móveis na construção da notícia: a experiência do portal regional NE10. In: CANAVILHAS, J; RODRIGUES, C. **Jornalismo Móvel: Linguagem, gêneros e modelos de negócio**. Covilhã: LabCom.IFP, 2017. p. 61-81. Disponível em https://www.academia.edu/35568911/Mobilidade_e_jornalismo_digital_contempor%C3%A2neo_fases_do_jornalismo_m%C3%B3vel_ub%C3%ADquo_e_suas_caracter%C3%ADsticas. Acesso em dez. 2023.

DUARTE, J. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, J.; BARROS, A. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011. p. 62-83.

LEVY, P. **Cibercultura**. 1ª ed. São Paulo: Ed 34, 1999.

MANCINI, L.; VASCONCELLOS, F; **Jornalismo de Dados: conceito e categorias**. Revista Fronteiras, v. 18, n. 1. jan-abr 2016. p. 69-82. Disponível em

<https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2016.181.07/5300>. Acesso mai. 2023.

MEYER, P. **The new precision journalism**. Bloomington: Indiana University Press, 1991.

MEDITSCH, E. et al. **O ensino de jornalismo sob as novas diretrizes: miradas sobre projetos em implantação**. Florianópolis: Insular, 2018.

MIELNICZUK, L. **Jornalismo na Web: uma contribuição o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual**. Tese de Doutorado). FCOM/ UFBA, Salvador, 2003.

MOREIRA, S. Análise documental como método e como técnica. In: DUARTE, J.; BARROS, A. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011. p. 269-279.

SILVA, N; MARTINS, A. **O ensino de jornalismo investigativo e de jornalismo de dados no Ceará: um estudo sobre abordagens nos cursos de graduação**. In: Seminário de Pesquisa em Jornalismo Investigativo, 6., 2019, São Paulo. Anais. São Paulo: ABRAJI, 2019.

PENA, F. **Teoria do Jornalismo**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2005.

ROGERS, S. **John Snow's data journalism: the cholera map that changed the world**. Disponível em <https://www.theguardian.com/news/datablog/2013/mar/15/john-snow-cholera-map>. Acesso nov. 2023.

RÜDIGER, F. **As teorias da cibercultura: perspectivas, questões e autores**. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2013.

SCHUDSON, M. **Descobrimos a notícia: uma história social dos jornais nos Estados Unidos**. 2010

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são**. 3ª ed. Florianópolis: Insular, 2018.

TRÄSEL, M. **Panorama do ensino de Jornalismo Guiado por Dados no Brasil**. In: 17º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2019, Goiânia.

TRÄSEL, M. **Entrevistando planilhas: estudo das crenças e do ethos de um grupo de profissionais de jornalismo guiado por dados no Brasil**. 2014. 314 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2014.

VIANNA, R. P. A. **Informatização da imprensa brasileira**. 1ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

ANEXOS

ANEXO 1 – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA COM O COORDENADOR DO CURSO DE JORNALISMO DA UNIVERSIDADE NACIONAL DE BRASÍLIA (UNB), PAULO PANIAGO, EM DEZEMBRO DE 2023.

Pergunta 1 - Quando a matéria de Webjornalismo foi implementada no PPC?

Temos algumas disciplinas que usam o Jornalismo de Dados de maneira transversal. O que acontece aqui é que temos pelo menos cinco disciplinas que adotam mais ou menos esse perfil. A primeira delas é uma disciplina de primeiro semestre chamada de Comunicação e Universidade, que é ministrada pela professora Márcia, que também ministra com outra professora a disciplina optativa chama Comunicação, Informação e Computação: Fundamentos e Aplicação, essa é a disciplina que realmente lida de uma maneira muito próxima como Jornalismo de Dados.

O Webjornalismo é uma das disciplinas que tem esse perfil. As outras seriam Métodos e Técnicas, que usam um pouco, e Campos Multimídia, no 5º semestre, e Comunicação e Sociedade, no 5º, essas duas usam bastante. O professor Vladimir, de Comunicação e Sociedade, ele tem feito uma pesquisa sobre divulgação de desinformação e *fake news* e ele tem usado bastante ferramentas de jornalismo de dados para fazer algumas das avaliações, os alunos têm que produzir uma nota de pesquisa a respeito deste assunto.

Em 2006, quando nós fizemos a nossa matriz curricular, a partir das prerrogativas da legislação, a gente já tinha o Jornal Campus, que é uma disciplina em que o professor Solano já usava muito o Jornalismo de Dados com os alunos, foi o primeiro momento em que começamos a ter contato com essa informação e a partir dali começamos a usar. Mas o momento em que houve uma transversalização dessa modalidade de jornalismo no curso foi na última mudança de estrutura curricular, em 2016, porque aí você tem esse escopo mais amplo de várias disciplinas usando o ferramental. A

disciplina optativa de Comunicação, Informação e Computação: Fundamentos e Aplicação também iniciou em 2016.

Pergunta 2 - Quais as principais competências que os alunos desta disciplina devem desenvolver?

Desde a capacidade de lidar com algumas das ferramentas disponíveis do jornalismo de dados, do mais básico, como Excel, Google Sheets, até as mais sofisticadas como SQL, Tableau, Open Refine, Data Wraper. O aluno tem que conseguir essa capacidade técnica, mas sem nunca perder de perspectiva a necessidade de ouvir especialistas e de desenvolver habilidades analíticas ao mesmo tempo amplas, contextuais, e bastante específicas e singulares, sem esquecer que jornalismo é sempre jornalismo humano, você tem que conversar com as pessoas, interagir. De modo algum você pode esquecer esse dado.

Às vezes eu escuto dos alunos o seguinte: a The Economist é considerada uma das melhores revistas de economia do planeta não porque ela é boa na prospecção de dados, mas porque ela sabe transformar isso numa informação relevante, acessível, para o comum dos mortais que não é especialista em economia e ela faz isto, justamente, usando figuras de linguagens, metáforas. É um negócio formidável essa capacidade que a linguagem tem. Claro, estamos tratando de várias ordens de linguagem, mas a gente não pode esquecer esse elemento humano no centro da informação.

Pergunta 3 - Quais trabalhos práticos avaliativos os alunos devem desenvolver ao longo da disciplina?

Em Webjornalismo, eles têm feito criação de site, redes sociais, eles têm feito muita coisa nisso. A gente não foge dos velhos métodos, temos testes, fichamento de conteúdo, tem uma bibliográfica que eles precisam dar conta, produção de notas de pesquisa.

Uma coisa que o Vladimir tem feito, a disciplina dele é Comunicação e Sociedade, ele tem feito essa leitura sobre desinformação, tem uma oficina de análise de dados, ele tem dois testes escritos individuais, tem fichamentos de conteúdos, notas de pesquisa e o aluno tem de produzir um trabalho com objetivo, marco teórico, hipóteses, número de participantes, tem que mostrar resultados, limitações, importância das descobertas. Então tem um campo vasto de possibilidades que estão sendo usados na medida das nossas possibilidades.

Na optativa de Comunicação, Informação e Computação, eles têm feito relatórios, prospecção de dados com divulgação disso em plataformas, criação de sites, divulgação em redes sociais, eles têm criado uma dinâmica de divulgação em redes, isso é o que mais acontece, mas eles têm feito também levantamento de dados. Essa disciplina tem uma aplicação muito prática para nós, pois uma das professoras que ministra essa disciplina também é responsável pelo nosso CeDoc, que é o Centro de Documentação, eles estão produzindo um levantamento muito grande de dados para produção de um material para o CeDoc. É uma salinha que temos na FAC (Faculdade de Comunicação) com revistas, jornais, com nossas próprias produções. Uma das atividades que o pessoal fez ao longo de semestres anteriores, foi uma digitalização de todas as páginas do Jornal Campos, do acervo da Revista Campus Repórter, temos uma revista semestral, e eles estão produzindo ferramentas para você encontrar informação que está contida naquele conteúdo de forma eficaz.

Isso é um trabalho de prospecção de dados produzidos em semestres anteriores, informações produzidas ao longo dos anos, estamos fazendo uma disponibilização de histórico de produção da faculdade ao longo do tempo. Temos um dos mais antigos jornais laboratórios do país em funcionamento, a nossa revista também é uma revista importante. Além disso, eles têm digitalizado o acervo de comunicação de modo geral para criar ferramentas para os alunos terem esse universo a disposição quando os alunos forem fazer o seus TCCs, os seus trabalhos. Então tem uma pegada bastante específica para melhorar o aporte do curso.

Pergunta 4 - Quais ferramentas ou aplicativos são ensinados em sala de aula?

Webjornalismo, Campos Multimídia, do 5º semestre, Comunicação e Sociedade, todas estas disciplinas estão usando algumas dessas ferramentas ou até outras, dependendo do semestre e do professor, isso vai alterando.

Temos uma professora que é especialista *Python* e ela tem usado várias das bibliotecas, Meta, Clob Lib, Numpy, os Pandas. Depende muito do perfil, não consigo te precisar todas as ferramentas, eu diria que tem um número bem avançado delas. Algumas professoras eu tenho tido pouco contato, justamente as que estão em laboratório e que estão trabalhando com design gráfico e que tem utilizado algumas dessas ferramentas na produção, então o campo está expandindo nesta área.

Open Refine e Data Wraper tem sido bastante usadas. Não ensinadas de maneira tão avançada. Os alunos são muito intuitivos, muito rápidos, às vezes eles superam os professores muito rapidamente. Você dá o básico e o aluno vai embora, de repente ele volta com um nível de capacidade de articulação dessas informações e até mais ferramental. A gente tem tentado manter um *up to date*, mas o nosso corpo docente tem envelhecido bastante, pouca renovação, as publicas tem aberto poucas vagas, os concursos estão bem disputados, o que eleva o nível da disputa, o que é um dado bom, mas por outro lado a gente não consegue uma renovação tão constante, então o nosso corpo docente está ficando velho e não consegue acompanhar tão bem.

Pergunta 5 - Quais são as principais bases de dados ensinadas/ acessadas na disciplina?

A preferência é por bancos de dados públicos abertos, como o IBGE, DATASUS, informações do INEP, do TSE, às vezes, do SICONFI, do Banco Central. Quando a gente ministra a disciplina de jornalismo econômico, que é uma disciplina ambiental seletiva, o que significa que ela não é oferecida sempre. Ela até demora para aparecer, então quando o professor de jornalismo econômico ministra esta disciplina, possivelmente vai usar dados do SINCOFI. Mas, eventualmente, a gente tem gente

pesquisando contas públicas, o Mapa da Violência, sempre informações de bancos de dados públicos preferencial.

Temos uma escassez de recursos, como você deve imaginar, então não temos acesso a bancos de dados pagos. Tanto Webjornalismo quanto a optativa de Comunicação, Informação e Computação: Fundamentos e Aplicação trabalham de forma muito consistente com essas bases.

Pergunta 6 - Por que vocês escolheram esta periodização e quais os pré-requisitos para a disciplina? Quais os usos posteriores deste conteúdo ainda na graduação?

A ideia era que o aluno já tivesse uma base de fundamentação antes que ele chegasse nesse patamar. Você sabe que o estágio em Jornalismo de Dados ele é de uma complexidade que pode ser bastante elevada. Então a ideia era que o aluno já tivesse uma fundamentação técnica, teórica, capaz. O modelo era ali metade do curso adiante, era esse o raciocínio.

Agora, a optativa de Comunicação, Informação e Computação: Fundamentos e Aplicação é oferecida, por exemplo, para alunos de Ciência da Computação. Então tem sempre esse aporte de é uma disciplina ofertada por professores de jornalismo para alunos de jornalismo, preferencialmente, mas não exclusivamente, então tem essa outra entrada.

Nesse caso, foi uma questão de ajuste das janelas que nós tínhamos e aí ela ficou no segundo semestre, mas a ideia era que o aluno pudesse ter pelo menos uma fundamentação teórica sólida de jornalismo antes de entrar nesta seara.

Você não consegue chegar em Webjornalismo sem ter feito Webdesign em Jornalismo e para fazer Webdesign em Jornalismo, você precisa conhecer ferramentas técnicas, então você precisa ter uma instrução técnica, e aí a ideia é que você consiga, em algum momento, ter uma base teórica específica.

Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação, que é uma das disciplinas que eventualmente utiliza Jornalismo de Dados, tem como pré-requisito Teorias da Comunicação, então você precisa ter uma base teórica do que é comunicação, de como ela funciona, ferramentas *framing*, de espiral do silêncio para você saber como utilizar a ferramenta de maneira mais eficaz.

Os nossos alunos tendem a entrar muito cedo no mercado de trabalho. O estágio é muito veloz aqui. Então houve uma demanda, uma pressão, de tal maneira que nosso currículo hoje é oferecido especificamente pelas manhãs, as disciplinas estão todas concentradas pelas manhãs. Isso dá para a gente uma baixa flexibilidade, então temos que pensar em qual é o melhor momento para entrar com certas disciplinas.

Com Jornalismo de Dados, entendemos que era do meio do curso em diante, essa era nossa decisão teórica. Na decisão prática, Webjornalismo ficou 3º semestre, mas era para ficar mais adiante.

O Jornalismo de Dados é usado nas disciplinas de Campos Multímedia, no 5º período; Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação, do 3º período, a depender do professor e do semestre, tivemos professores com perfil que ministravam Jornalismo de Dados como um dos métodos de pesquisa em comunicação; Comunicação, informação e computação, que é a optativa, disponível a partir do 2º período; e Comunicação e sociedade, disponível a partir do 5º período.

ANEXO 2 – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA COM A COORDENADORA DO CURSO DE JORNALISMO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (UFPB), AGDA AQUINO, EM DEZEMBRO DE 2023.

Pergunta 1 - Quando a matéria de Técnica de reportagem em base de dados foi implementada no PPC?

O PCC de 2016 marca uma nova trajetória do curso, porque ele é o seguinte a publicação das diretrizes curriculares que, foram publicadas em 2013, que são as

famosas diretrizes curriculares que renomeiam o curso, além de outras coisas importantes e tentam promover um curso mais bem resolvido, no sentido pedagógico e profissional. Então as Diretrizes Curriculares têm alguns encaminhamentos, e o Jornalismo de Dados é citado. As diretrizes de 2013 não fazem o que as anteriores faziam, que era dizer quais eram as disciplinas especificamente. Elas dão eixos norteadores de tema, e dão mais liberdade para cada instituição, junto com seu corpo docente, criar um curso dentro daqueles eixos também enfatizando as características locais.

Houveram instituições e docentes, tanto tempo que eu to na Abej (Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo), que entenderam que era desnecessário o Jornalismo de Dados porque todo jornalismo é com dados. Isso é um discurso bem comum que mostra, entre outras coisas, uma resistência da compreensão do fenômeno da dinâmica jornalística atual. São espaços de luta dentro do campo.

As diretrizes dão este norteamento e, também é um processo aqui da Instituição, buscar universidades bem avaliadas no Brasil e pensar em nossa realidade local. O consenso foi que a gente nomeou Técnica de Reportagem em Base de Dados para deixar mais claro que é jornalismo, não é só base de dados, não sei acaba ficando redundante, mas foi como pensamos a época, que é um componente curricular. Vai em pesquisa de professores que estão voltando da pós, de doutorados sanduíche, que estão fazendo pesquisas na crista da onda, pesquisas vinculadas ao programa de pós-graduação em jornalismo, e aí entendemos que este é um componente ministrado com outras características da pós, um conteúdo bastante valorizado na pós.

A partir desta discussão, foi decidido que seria um componente curricular obrigatório localizado no 3º semestre letivo.

Pergunta 2 - Quais as principais competências que os alunos desta disciplina devem desenvolver?

Principalmente desenvolver métodos de obtenção e cruzamento de dados. Saber acessar esses dados, onde e como acessar. Saber desenvolver relações entre os dados a partir de questionamentos relevantes para o que você quer descobrir para assim chegar a respostas pertinentes que façam sentido para o seu conteúdo jornalístico.

Operar bases de dados, cálculos e aplicativos, o que tem sido um grande desafio por questões que vem antes da universidade, de formação anterior, de dificuldade de entender regra de três simples, estatística percentual por parte dos alunos. Mas é necessário quebrarmos isso, sempre fez uma grande diferencial no mercado profissional. No caderno cidades, como você vai calcular uma sexta básica, aumento e diminuição de preços, até especialidades como o jornalismo especializado em economia. Isso é uma dificuldade, os alunos vêm com essa barreira, com dificuldade de lidar com dados, em especial, administrá-los em formato de números, percentuais, estatísticas.

Você compreender aquilo como informação jornalística e para fazer perguntas certas e reconhecer as informações nesses números. A competência, a habilidade, o objetivo final é que os alunos tenham a capacidade profissional de produzir conteúdo jornalístico com base no tratamento de dados objetivos. Reconhecer os espaços, saber como acessá-los, quais são, como gerenciar, administrar estes dados, se relacionar com eles através de perguntas e questionamentos, e transformar isso na matéria-prima do material jornalístico.

Pergunta 3 - Quais trabalhos práticos avaliativos os alunos devem desenvolver ao longo da disciplina?

Fazemos três avaliações, é uma regra da instituição para componentes curriculares com esta carga horária de 60 horas.

A primeira, ele sempre faz o que a nossa corrente mais geracional de professores tem buscado fazer, que é esta práxis, a teoria aliada a prática, que é o que preza as

diretrizes, que prezam por um entendimento de que a gente tem que superar esta dicotomia teoria e prática. O professor Eduardo Meditsch fala muito isso no livro *Pedagogias e Pesquisa para o Jornalismo que está por vir*.

A primeira avaliação, ele faz um mergulho em análises de caso do mercado que são feitos com Jornalismo de Dados, então ele distribui para os alunos, ele ensina, ele relata o case, constrói esse conhecimento juntos, os conceitos principais, e está primeira atividade faz com que os alunos mergulhem no mercado e tragam essas experiências de lá para analisar. Por exemplo, esse material foi publicado em tal lugar, ele utiliza jornalismo de dados, eles optaram por fazer um texto tradicional da pirâmide invertida aliado a uma tabela e tal. Já esse outro material utilizou infografia para transformar esse material de dados em material jornalístico. Este outro diz que usou as fontes tal e tal. Então, ele distribui para os alunos exemplos com características similares de serem feitas em base de dados, mas com características distintas na formatação do resultado e no uso desses dados para a informação jornalística. O trabalho torna-se uma apresentação de um trabalho de análise. Acaba sendo uma explanação de exemplos com base nos alunos.

A segunda avaliação é mais técnica, ela vem acompanhada de reflexão, mas ela propõe que os alunos mergulhem nas plataformas sugeridas de informação de dados e conheçam como funciona, façam perguntas e tragam este material para o professor fazer seus comentários, sua avaliação. Então o aluno explica em qual plataforma entrou, qual perguntas fez, explica como as informações são dadas, então eles fazem este primeiro contato com as plataformas de dados.

Mas ainda não é aí a produção do material jornalístico. Ele faz essa dinâmica na sala antes, primeiro faz essa experiência com os alunos em laboratório e aí os alunos vão fazer esse mergulho por si, fazem perguntas por si, fazem perguntas, investigam o campo, e trazem esse relato para o professor.

A terceira avaliação é onde culmina todas essas etapas. É uma avaliação mais completa, que é produzir um material jornalístico com pelo menos duas bases de

dados distintas no mundo, que podem ser tantas as que foram usadas como outras plataformas de transparência, de dados públicos, como DATASUS, IBGE, e outros tantos que possam surgir, como prefeituras e afins. Só que ele faz o seguinte, ele direciona temas atuais, distribui os temas em grupos, transporte, habitação, saúde, cultura, distribui alguns grandes temas e constrói junto com os alunos quais são as perguntas, qual vai ser o mote do material para que eles possam coletar os dados, compreender os dados, fazer perguntas aos dados, analisar, responder essas perguntas e transformar este material em um material jornalístico. A escolha do professor para este semestre letivo é que seria em formato de infografia. A gente tem tentado fortalecer o jornalismo visual e o design da informação. Eu sou professora de fotojornalismo e a gente tem recorrido muito a não mais repetir o que durante tantos anos foi repetido que por muitos anos a única forma de comunicação do jornalista era o texto escrito tradicional enquanto a gente um momento de extrapolar.

Pergunta 4 - Quais ferramentas ou aplicativos são ensinados em sala de aula?

O professor Marcelo, que está à frente da disciplina, decidiu que não vai usar o Python, porque é um programa específico que trabalha com linguagem de programação e se a gente tem encontrado dificuldade dos relacionamentos dos alunos com planilhas simples, quem dirá com linguagem de programação. A gente também fez um levantamento superficial entre nós e colegas que estão no mercado, e a gente não encontra com frequência o mercado utilizando esta ferramenta.

Então, temos usado o Excel, ferramentas do Google, como o Docs e o Sheets, e usamos ferramentas do jornalismo visual e do design de informação na formatação desses dados para o público, como Illustrator e InDesign, porque trabalha gráficos e infográficos.

Pergunta 5 - Quais são as principais bases de dados ensinadas/ acessadas na disciplina?

DATASUS, IBGE e Portal da Transparência. Dependendo do assunto, existem base de dados específicas. E usam o Excel para formatação e análise. Quando encontramos uma dificuldade dos alunos, a gente vai nesse sentido de escolher pouco para que eles compreendam mais a dinâmica da construção desse tipo de material jornalístico para que assim eles possam trabalhar com qualquer base de dados.

Pergunta 6 - Por que vocês escolheram esta periodização e quais os pré-requisitos para a disciplina? Quais os usos posteriores deste conteúdo ainda na graduação?

Ela é uma disciplina obrigatória, que está no 3º semestre letivo. O nosso curso é semestral, como a maioria dos cursos de jornalismo no Brasil. A gente compreende que essa disciplina não pode ser exatamente no começo do curso, então a gente a compreende ela como subsequente da disciplina de Técnicas de Reportagem e Investigação Jornalística, do 2º período, mas ela não é necessariamente um pré-requisito dentro do fluxograma, porque a questão do pré-requisito é uma questão problemática dentro dos cursos superiores no Brasil, porque há uma corrente forte do pensamento que deveria ser libertário e não ter pré-requisito nenhum para evitar retenção de alunos, abandono quando reprova em uma disciplina não poder seguir no fluxo. E há uma corrente forte de que tem que existir pré-requisitos e a gente consegue entender na dinâmica de hoje que no Brasil a gente muito mais cursos são de iniciativa privada, e eles tem achado uma saída perspicaz para manter os cursos que tem sido chamada de currículo circular.

Para nós, a disciplina de Técnica de reportagem em base de dados não tem pré-requisito, mas compreendemos que ela tem que ser ministrada após Técnicas de Reportagem e Investigação Jornalística, Introdução ao Jornalismo, Teorias do Jornalismo, de Ética e Deontologia. Então temos um primeiro ano de entrada no campo, mas, a partir do segundo ano do curso, os alunos cursarem.

A gente também tem um outro entendimento do lugar de onde está disciplina é ministrada, pensando em que ele é vai ser recorrido mais para a frente. Esse conhecimento dá fundamento base para os principais laboratórios que a gente tem,

que começam a partir do 4º semestre. Nele, a gente tem a Oficina de Jornalismo Impresso. Já é uma forma de fazer jornalismo, um repertório que os alunos já têm para as oficinas de jornalismo impresso, oficinas de radiojornalismo, oficinas de telejornalismo e oficinas de webjornalismo.

No nosso entender, por enquanto, (o componente curricular Técnica de reportagem em base de dados) faz parte da formação basilar do campo da formação do jornalismo, tem que vir como estrutural da formação antes das oficinas que devem recorrer a esses conteúdos para colocá-los em prática em diversos formatos.

Não acho que do terceiro para o quarto período os alunos vão perder o medo, o preconceito, a barreira de mexer com números, eu acho que a gente ganha mais com o aluno que já entra em radiojornalismo, telejornalismo, webjornalismo, em todas as ferramentas e produções com esse entendimento do fazer jornalismo em diferentes níveis.

ANEXO 3 – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA COM A COORDENADORA DO CURSO DE JORNALISMO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF), ILUSKA COURINHO, EM DEZEMBRO DE 2023.

Pergunta 1 - Quando a matéria de Técnicas de Investigação Jornalística foi implementada no PPC?

Fizemos uma mudança curricular que entrou em vigor em 2015, quando a gente fez a migração do curso adequando as diretrizes curriculares em jornalismo. Então mudamos o nome do curso de Comunicação Social, Comunicação em Jornalismo, para Jornalismo, mas, concretamente, o curso ainda tinha 2600 horas e tinha uma característica mais próxima, uma base, de humanidades muito grande, e o índice de matérias específicas do jornalismo era inferior ao de formação geral em comunicação.

A partir das diretrizes curriculares, fizemos uma ampla discussão, a gente ofertava 100 vagas a mais para jornalismo. Parte dessas vagas passaram para o curso novo

de Rádio, TV e Internet com 30 vagas, e 70 vagas ficaram para o jornalismo. Reduzimos o número de vagas e ao mesmo tempo investimos em uma formação mais específica, com mais especificidade no jornalismo.

Nessa reformulação, aumentamos nossa carga horário total para 3005 horas. Rediscutimos disciplinas. Anteriormente, tínhamos uma disciplina que se chamava Fundamento de Jornalismo, que se fazia centrada em introdução mais, bem para o universo, não tinha teorias, mas era uma pouco de teorias do jornalismo, história do jornalismo. Brincávamos que parecia o curso de Direito, que era Processo I, Processo II, Processo III, Processo IV. Aqui tínhamos o Processo de Formação I, Processo de Formação II, Processo de Formação III, Processo de Formação IV. O um era focado em notícia, o dois em reportagem, o três em opinativo, o quatro em edição. Elas envolviam todos os fundamentos, apuração da notícia, pauta, mas era muito genérico. Como a gente tinha que se voltar para todas as notícias, fazíamos notícia de jornal, rádio, TV, a gente perdia essa especificidade. Tinham disciplinas que se chamavam Técnica em TV, Técnica em Rádio, que era uma introdução aos dois veículos, e depois tinha o que a gente chamava de “mergulhões”, que era uma formação intensiva na prática. Jornalismo em Hipermídia, a gente falava em webjornalismo, em hipermídia, jornalismo impresso, em TV, e em Rádio.

Então nessas mudanças curriculares que aconteceram em 2015, a gente decidiu que era importante trabalhar essas formações mais específicos para ter uma base muito forte de apuração jornalística. Nessa discussão da apuração jornalística, depois ele ficou com nome de Técnica de Investigação Jornalística, mas é basicamente focada na apuração jornalística incluindo novas modelos de apuração, porque as formas de apurar no jornalismo haviam mudado. A partir da discussão, pensada a ementa dessa disciplina, que a gente incorporou a ideia de... A gente já trabalhava um pouco dessas disciplinas de Processo I e Processo II com reportagem auxiliada por computador, vinha das formações da Abraji, aí não tinha especificamente isso na ementa, aí a gente incluiu na ementa de Técnico de Investigação Jornalística.

Eu dei muitas vezes essa disciplina quando cheguei na UFJF, quando assumi com quatro turmas, Fundamento do Jornalismo, Processo de Formação II para o integral e o noturno, e dava uma eletiva chama Jornalismo Investigativo, e as ementas eram mais generalistas, mas a gente incluía ali a Reportagem Assistida por Computador.

Pergunta 2 - Quais as principais competências que os alunos desta disciplina devem desenvolver?

O básico. A gente busca muito mais apresentar as potencialidades, mas não necessariamente a gente imagine que eles têm que ter expertise, porque eles estão bem no início do curso, esse fato faz com que a gente traga uma perspectiva introdutória. Certamente nas outras disciplinas, os alunos vão tentar trabalhar, aprofundar este conhecimento. Temos Redação Jornalística I e II, que vieram das disciplinas de Produção e Redação em Jornalismo Impresso. Redação Jornalística I é oferecida junto com Técnicas de Investigação Jornalística, vamos aprofundando da I para a II. Vamos trocar uma disciplina que era chamada Laboratórios de Redação Jornalística, entendemos que devemos alterá-la para Redação Jornalística III para fazermos uma linha de formação muito forte dessa redação, claro que associada na apuração também.

Na dois a gente vai e fala, estimula, faz pesquisa documental, mas não faz raspagem, essas técnicas mais avançadas, a gente não faz ainda. Mas a ideia é que eles façam alguns exercícios também.

Eles fazem acesso a LAI, mas não coisas mais aprofundadas, é mais preliminar mesmo, de explorar possibilidades. Eles tentam solicitar informação a partir de LAI e a partir dali produzir um material.

Não sei exatamente precisar qual base de dados eles acessam. A proposta é que eles utilizem LAI, acesso a base de dados, mas não sei precisar.

Pergunta 3 - Quais trabalhos práticos avaliativos os alunos devem desenvolver ao longo da disciplina?

Como cada professor tem autonomia para sua disciplina, isto não está no PPC, mas no plano de ensino da disciplina, que é feito a cada semestre e apresentado no departamento. Então a proposta é que eles façam uma série de atividades nessa disciplina, mas não sei especificar. A professora que trabalha nesta disciplina, professora Christina Musse, teria mais informações.

Pergunta 4 - Quais ferramentas ou aplicativos são ensinados em sala de aula?

Teria que verificar com a professora Christina Musse.

Pergunta 5 - Quais são as principais bases de dados ensinadas/ acessadas na disciplina?

Teria que verificar com a professora Christina Musse.

Pergunta 6 - Por que vocês escolheram esta periodização e quais os pré-requisitos para a disciplina? Quais os usos posteriores deste conteúdo ainda na graduação?

No segundo período no curso de Jornalismo integral e no noturno. O curso integral tem 8 períodos e o noturno tem 10 períodos.

Esta é uma disciplina que inclui o conteúdo de jornalismo de dados, mas não especifica deste conteúdo. Então a análise de dados é um componente do que a gente entende que seja apuração jornalística. Hoje, nosso entendimento é de que a apuração jornalística passa pelo jornalismo de dados. Então o objetivo não é que o aluno nesse momento desenvolva uma expertise em jornalismo de dados, mas vai apresentar a ele que hoje a apuração jornalística passa por jornalismo de dados e os primeiros os fundamentos disso. Aí, o meu percurso formativo, cada discente vai buscar aprofundar-se em áreas específicas de interesse. Então temos um conjunto de

disciplinas opcionais, eletiva, temos vários projetos de apuração, de pesquisa, de treinamento profissional, e essa uma realidade aqui na universidade. Nesses projetos os alunos também podem desenvolver algumas ferramentas e possibilidades. Por exemplo, temos agência universitária de notícias, tem o núcleo de combate a desinformação, então alguns espaços em que os alunos podem atuar de acordo com o seu próprio percurso formativo, a gente chama de possibilidade de autonomia na formação do estudante. Então o fundamento ele teve.

Se ele quiser um aprofundamento, ele vai ter que procurar um projeto ou disciplina optativa, mas em disciplina obrigatória, o jornalismo de dados estaria mais como uma ferramenta transversal.

ANEXO 4 – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA COM A COORDENADORA DO CURSO DE JORNALISMO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC), VALENTINA NUNES, EM DE DEZEMBRO DE 2023.

Pergunta 1 - Quando a matéria de Linguagem e texto jornalístico IV foi implementada no PPC?

Eu como coordenadora e professora, veja, eu sou da área de texto. A gente vem notando que o curso está um pouco defasado nessa parte de jornalismo de dados. A gente ainda não reformulou totalmente, porque é tudo muito lento na universidade pública. Para a gente propor uma disciplina nova tem que passar por várias instâncias, tem que ir para o Departamento de Ensino (DEN), e é uma demora. Chega a demorar um ano.

A gente ficou preso agora nessa história da curricularização da extensão. Então foi tudo focado nisso, então tudo muito lento. Mas isso já é um consenso nosso de que a gente teria que ter uma disciplina de jornalismo de dados optativa mais focada, porque a disciplina de Linguagem e texto jornalístico IV, ela vê “em passant”, ela não se foca, não é jornalismo de dados propriamente dito. Porque o curso, ele é tem cinco níveis

de redação e apuração, o que hoje a gente chama de Linguagem e texto jornalístico I, II, III, IV e V. Então eu considero a espinha dorsal do texto.

Então a I e II vai trabalhar com linguagem jornalística e notícia, a III já começa a trabalhar com um pouquinho interpretativo, perfil, a IV é grande reportagem, e a V é mais texto e linguagem criativa.

Então, a IV, o foco dela é grande reportagem. Então, o tema jornalismo de dados, ele é meio que transversal, ele passa, mas ele não é focado nas ferramentas, tanto que esse semestre, a gente teve uma optativa que foi jornalismo de dados, que a professora Raquel Longhi, ela é da linha de digital, linguagens, narrativas digitais, então ela é mais focada nessa parte que conhece os softwares, os caminhos, por isso ela ofereceu essa disciplina optativa. Por isso eu digo que nessa questão de ferramenta, ela poderia ser mais útil do que eu.

Foi mais ou menos em 2018 e foi porque a professora que dava essa disciplina, a gente conversou, a gente faz reunião dos professores de linguagem, e a gente sentiu que precisava, então essa professora que é a Maria Terezinha da Silva incluiu algumas informações, principalmente acho que para consultar a LAI, esse, né. Essa parte que é mais acessível, não com software do mais, mostrando como existem banco de dados que a gente pode consultar para pegar informações, então tem os públicos, pela LAI. Então ela trabalhou mais ali, mas não é focado só nisso, é mais um complemento para ajudar, porque o foco também, às vezes, é muito entrevista pessoal, online, não necessariamente usando Jornalismo de Dados, mas foi mais ou menos em 2018.

Por isso que, como a gente sabe que é insuficiente, que a gente vem discutindo, que então a professora Raquel Longhi fez nesse semestre essa disciplina optativa de jornalismo de dados, um pouco mais focado. Eu acho que também é uma introdução, não acho que é um Jornalismo de Dados II, você já passou pelo que é, aproveitou tudo e já vai por a mão na massa. Eu acho que eles conhecem um pouco, mas teria que ver com ela se ela já exige algum trabalho utilizando as ferramentas.

A gente vem conversando que Jornalismo de Dados, checagem, são áreas, assim, que o curso ainda está precisando implementar. A outra é a Inteligência Artificial, então essas três linhas a gente está discutindo. Hoje teremos uma reunião com os professores de linguagem, que a gente realiza no mínimo uma vez por semestre, e nós vamos conversar, porque a gente sente que estamos com a previsão de semestre que vem começar a discutir a reformulação do currículo. Eu não trabalhei muitos anos na iniciativa privada, mas a universidade pública grande assim, é muito lento as coisas. Eu fico de cara de como poderia ser um pouco mais ágil para implementar. Se você não tem o código, aí você tem que preparar a ementa, a ementa tem que passar por várias instâncias de aprovação até ser implementada na câmara de graduação, então, assim, chega a demorar um ano, no mínimo.

Pergunta 2 - Quais as principais competências que os alunos desta disciplina devem desenvolver?

Na Redação IV, como a gente já passou pela I e II, que é mais focada em linguagem jornalística e notícia, a III mostra um pouco mais de como entrevistar, realizar perfil, entra um pouquinho de interpretativa, a IV é para utilizar tudo que foi aprendido para uma grande reportagem, então os alunos trabalham o semestre inteiro praticamente para fazer uma grande reportagem. Então essa reportagem vai ter de 8 a 10 páginas. E aí, na linha grande reportagem com várias fontes, com aprofundamento, e aí que o jornalismo de dados entra como ferramenta para ajudar dependendo da pauta que o aluno escolhe. Mas o foco é como construir uma grande reportagem e muito na linguagem também, porque até então eles iam produzindo textos curtos. A partir de redação IV que eles vão começar a ter domínio de um maior número de informações para produzir o texto.

O Jornalismo de Dados vai aparecer como ferramenta, instrumental para usar na grande reportagem, porque depois a gente vai ter Linguagem e Texto Jornalístico V e depois vem o Jornal Laboratório Zero. Nessa V, eles ainda brincam um pouco,

trabalham com a linguagem criativa, mas quando chega no Zero, sou professora zero, a gente volta a pedir grande reportagem.

Eu acredito que sim, eles usam ferramentas. Como eu não participo dessa parte prática, acho que é como interpretar dados, pegar relatórios do IBGE, como ler tabelas, a Lei de Acesso a Informação, como perguntar, como entrar. Agora se é bem formalizado, teria que ver com a professora. Isso seria mais na optativa.

Linguagem e Texto Jornalístico IV é a única disciplina obrigatória que vai falar sobre isso, mas não focado.

Pergunta 3 - Quais trabalhos práticos avaliativos os alunos devem desenvolver ao longo da disciplina?

Eles vão trabalhar em uma grande reportagem. Pelo que entendi, essa é a única avaliação. Esse é o problema, que eu estou respondendo pelos colegas.

Mas pelo que a gente sabe, que a professora Terezinha está em pós-doc, na Espanha, eles fazem muita discussão de análise de outras matérias e a grande nota da disciplina é a grande reportagem.

Quando eu dava Linguagem e Texto Jornalístico I, eles produzem quatro, cinco textos, porque é notícias. Na IV, eles produzem um único texto que é a nota final. Eles podem até fazer exercícios ao longo, mas o que vai valer nota é a grande reportagem, que tem de oito a dez páginas, e que a professora vem trabalhando a cada aula. Então ela senta com o aluno, então ele já produziu uma lauda e meia. Aí a professora senta junto para ver como está indo, então, assim, é um crescendo até chegar a forma final.

Pergunta 4 - Quais ferramentas ou aplicativos são ensinados em sala de aula?

Pelo que eu vi, não tem nenhuma indicação de ferramenta específica no plano de ensino da disciplina. Excel com certeza ela deve usar.

Pergunta 5 - Quais são as principais bases de dados ensinadas/ acessadas na disciplina?

A gente fala muito na LAI, na Lei de Acesso a informação, e acho que os diários oficiais, ouço falar que eles trabalham também. Não sei te dizer se tem alguma outra em específico.

Pergunta 6 - Por que vocês escolheram esta periodização e quais os pré-requisitos para a disciplina? Quais os usos posteriores deste conteúdo ainda na graduação?

Porque os alunos já estão mais familiarizados com as práticas de apuração, entrevista, redação jornalística, que, na verdade, como te falei, quando eu dava Linguagem e Texto Jornalístico I, o pessoal vinha com aquela redação de vestibular. Para quebrar a dissertação, você leva um semestre inteiro, a lógica de dissertação da cabeça deles. Então a II aprofunda um pouco o que eles aprenderam. Então a ideia de que na IV, eles já estão um pouco mais familiarizados. E como eles vão produzir uma reportagem mais de folego, eles têm que conhecer que existem dados, bases, e até como trabalhar com grandes relatórios, cheios de dados, informações, como te falei o IBGE. Eu me lembro que a professora Terezinha falava que ela pegava algumas pesquisas que saiam periodicamente para ensinava os alunos a olhar, a interpretar, a buscar. Então foi um pouco nesse sentido, obedecendo uma lógica pedagógica, de instrumentalizar o aluno até ele ficar um pouco mais a vontade para poder lidar com grandes volumes de informações, então foi por isso que a gente colocou na IV, mas você que é apenas uma ferramenta, não é o foco, né.

Esta disciplina está no 4º período e tem 108 horas. As disciplinas são de quatro créditos presenciais por semana, mas a gente acrescenta mais dois por semana para apuração, porque tem todo o trabalho de apuração, né, então a gente acaba fazendo disciplinas de seis créditos.

A apuração vem de disciplinas anteriores, mas na IV ela é mais séria, mais cobrada. Porque o aluno já está na quarta fase, porque ele já passou por três linguagens e redação antes, então ali a gente espera que ele já tenha um domínio menor, por isso que é exigido essa seriedade no sentido de mais complexidade na apuração.

Em Linguagem e Texto Jornalístico V, não vamos ter muito o uso do Jornalismo de Dados, porque ela é uma escrita criativa, mas depois vem o Jornal Laboratório, que daí a gente faz uso. Tem pessoas que querer ir para a matéria, temos uma disciplina que se chama Jornalismo Investigativo, que também é optativa. E no Jornalismo Investigativo, o professor trabalha bastante também com o uso dos dados, das ferramentas dos acessos. Então você veja, também é outra optativa. Então também vai ser usada também em TCC. São as disciplinas aí, claro, tem as midiáticas, que aí o aluno também pode fazer grande reportagem em vídeo, eventualmente ele acessa alguns os dados para obter. Na verdade, é para instrumentalizar mesmo o aluno para depois ele abrir o leque em que área ele quer acessar essa ferramenta, esse conhecimento que ele passou a dominar.

Mas com certeza é usado em Jornal Laboratório, Jornalismo Investigativo e TCC.